

Nuno da Luz**Poetry as an echological survival****Inauguração: 21 Junho, 21.33 h****Imersão sonora: 22.13 h**

22 – 29 Junho 2019

Terça a Sexta: 14 –19 h

Sábado: 10 –13 h, 14 –19 h

«Poetry as an echological survival» é uma citação retirada *verbatim et literatim* do texto «Nota solta sobre o possível “valor” das obras de arte, para o futuro», do artista e escritor Álvaro Lapa (incluída em *Raso como o chão*, 1977) que, por sua vez, cita – deturpando ligeiramente – o título do ensaio «Poetry and the Primitive: Notes on Poetry as an Ecological Survival Technique», do poeta e ambientalista norte-americano Gary Snyder (incluído em *Earth House Hold*, 1969).

O *h* extra, inserido no «ecological» original, contrai e alarga simultaneamente «eco-» (do grego *oikos*, «casa») e «eco» (do grego *ēchos*, «som»), num desvio poético no qual «casa» e «som» perfazem um mesmo movimento dúplice, entrosados por um *h* mudo. Esta dupla acepção de ecologia e ecoar como *uma e a mesma coisa* possibilita-nos repensar certos fenómenos acústicos, como reverberação e ressonância, enquanto processos ambientais e sociais, intimamente relacionados e constituindo-se mutuamente. Permite-nos entender os nossos modos de escuta – como localizamos, sentimos e somos afectados por vibrações sonoras – enquanto «geografias perceptivas» (cfr. o uso paralelo deste termo na Maryanne Amacher, «Composting Perceptual Geographies»).

Patente durante uma única semana, esta é uma exposição-começo-evento: um momento especulativo sobre como este movimento dúplice, eco- e echo-lógico, pode ser uma ferramenta operativa para nos situarmos – e à nossa envolvente – em relações de reciprocidade e cooperação mútuas. O espaço circunscrito da galeria reverbera em sintonia com frequências extremamente próximas ou longínquas: as marés estimadas para o Porto de Lisboa iluminam o espaço; a agitação marítima sentida ao largo da Nazaré é amplificada através de gongos de vento, activados por altifalantes de contacto; e a cartografia do ruído do corredor de aproximação ao Aeroporto de Lisboa – com um trânsito actual de dois minutos entre descolagens e aterragens – ressoa pelas paredes da galeria, situada no bairro de Alvalade a poucos metros do Aeroporto.

Estas «partidas e chegadas de qualquer lugar a qualquer hora, para qualquer lugar a qualquer hora»¹ são acompanhadas pelo chilrear de periquitos-monge *Myiopsitta monachus*. Espécie exótica, originária da América do Sul, foram trazidos em cativeiro para a Europa, seguindo as rotas de exploração e

1 John Cage «Composition as Process – Part II: Indeterminacy» in *Silence: Lectures and Writings* (Middletown, Conn.: Wesleyan University Press), 1961. Traduzido do inglês.

expropriação globais, e espelhando as relações de subserviência forçada e resistência necessária para todos os sujeitos colonizados. Fugitivos ou libertos, produziram novos habitats adaptando-se às cidades europeias, de clima temperado ou mediterrânico, com o canto estridente destes periquitos a perpassar diferentes espaços verdes de Lisboa, desde há várias décadas.

Gravações efectuadas no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (antigo hospital Júlio de Matos), Parque da Bela Vista e Quinta das Conchas, zonas directamente sobrevoadas ou limítrofes ao corredor aéreo do Aeroporto de Lisboa, afectadas por níveis de pressão acústica de mais de 70dB, a cada 120 segundos.

A inauguração terá lugar sexta-feira, 21 de Junho, Solstício de Verão. As portas abrem logo após o ocaso do sol às 21h33. Com o cair da noite às 22h13, terá início uma imersão sonora para 2 gongos suspensos, para celebrar a passagem do dia mais longo e dar lugar à noite mais curta do ano. Com a participação de Diana Policarpo.

Segunda iteração de um projecto desenvolvido com o apoio da Escola das Artes – Universidade Católica, Porto. Na primeira apresentação em Março–Abril 2019, a envolvente da Foz do Douro foi devolvida ao Campus da UCP, onde se situa a Escola, a pouco mais de 500m do Atlântico. Pesquisa levada a cabo durante o final de 2018, em residência na Escola das Artes, no âmbito do programa InResidence, promovido pela Câmara Municipal do Porto.

Dados de maré e agitação marítima gentilmente cedidos pelo Instituto Hidrográfico da Marinha Portuguesa.

Nuno da Luz**Poetry as an echological survival****Opening: 21 June, 9.33 pm****Sonic immersion: 10.13 pm**

22 – 29 June 2019

Tuesday to Friday: 2–7 pm

Saturday: 10 am – 1 pm, 2–7 pm

‘Poetry as an echological survival’ is a quote taken *verbatim et literatim* from the text ‘Nota solta sobre o possível “valor” das obras de arte, para o futuro’ by Portuguese artist and writer Álvaro Lapa (included in *Raso como o Chão*, 1977); itself, a (slight mis)quote of ‘Poetry and the Primitive: Notes on Poetry as an Ecological Survival Technique’, the title of an essay by North American poet and environmentalist Gary Snyder (included in *Earth House Hold*, 1969).

The extra *h*, inserted in the original ‘ecological’, simultaneously contracts and expands ‘eco-’ (from the Greek *oikos*, ‘house’) and ‘echo’ (from the Greek *ēchos*, ‘sound’), in a poetic turn conflating ‘house’ and ‘sound’ in a two-fold movement, intertwined by a soundless *h*. This dual assessment of ecology and echo as *one and the same thing* allows us to rethink certain acoustic phenomena such as reverberation and resonance as environmental and social processes; closely related and constructing each other mutually. It allows us to understand our ways of listening – how we locate, sense and feel sonic events – as ‘perceptual geographies’ (cf. the parallel use of this term in Maryanne Amacher, ‘Composting Perceptual Geographies’).

Open to the public for one week only, this is an exhibition-as-event: a speculative moment on how this two-fold movement, eco- and echo-logical, can be an operative tool to situate ourselves – and our environment – in mutual relations of reciprocity and cooperation. The enclosed gallery space reverberates according to frequencies at very close range or extremely far: the estimated tides for the Lisbon Port illuminate the space; wave turbulence off the coast of Nazaré vibrates through wind gongs, activated by contact speakers; and the noise map for Lisbon’s Airport approach corridor – with a current two-minute window between take-offs and landings – resounds around the gallery walls, situated in Alvalade, neighbouring the airport.

These ‘departures and arrivals from no matter what point at no matter what time, to no matter what point at no matter what time’¹ are accompanied by the chirping of monk parakeets *Myiopsitta monachus*. An exotic species, originally endemic to South America, it was brought to Europe in captivity, following the globalized routes of exploitation and expropriation; mirroring the relations

1 John Cage ‘Composition as Process – Part II: Indeterminacy’ in *Silence: Lectures and Writings* (Middletown, Conn.: Wesleyan University Press), 1961.

of enforced subservience and necessary resistance for all colonized subjects. Escaped or released, the parakeets produced new habitats, adapting to European cities, both in temperate or Mediterranean climate. The parakeet's shrill song now spans several of Lisbon's public parks, since many decades.

Recordings done at Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (previously Júlio de Matos Hospital), Parque da Bela Vista, and Quinta das Conchas; areas either lying directly under or adjacent to the airport approach corridor, and hence affected by sound pressure levels of over 70dB, every 120 seconds.

Opening takes place Friday June 21, Summer Solstice.
Doors open right after dusk at 9.33pm. Once night sets at 10.13pm, there will be a sonic immersion for two suspended gongs, to celebrate the end of the longest day and usher the shortest night of the year.
With the participation of Diana Policarpo.

Second iteration of a project developed with the support of Escola das Artes – Universidade Católica, Porto. In its first guise, in March–April 2019, the surroundings of the Douro river's mouth were fed back into the UCP Campus, located around 500m away from the Atlantic. Research conducted in residency at Escola das Artes in the end of 2018, within the framework of InResidence, a programme initiated by Porto's Municipality.

Tide charts and wave turbulence data courtesy of Instituto Hidrográfico – Portuguese Navy.